

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 44 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 4 de Novembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — F. A. F. E.

PELA CIDADE

*Que de incorrencia o tempo gera!
Chuva, dois dias de bom calor e
chuva outra vez...!
Puzesse... e... ou sim ou sopas...
Diacho! nem tempo há para per-
correremos a cidade...*

*Na rua 31 de Janeiro já andam a
demolir o escaletto do Palacete
Minotes e dizem que as obras inte-
riores vão a'go adiantadas.*

*Na rua de D. João I, mal dos que
lá tem que passar, é ducho certo
com os automóvels... ou enlamea-
do até ás pontas dos cabelos.*

*E' impossivel! Quando se di-
rão os snrs. chauffeurs a andar
mais devagar?!*

*A «casemira» dos factos é bem
mais diferente que a «fanzua».*

*«Vizela—eis o boato!— emban-
deiron em arco e diziam ter chegado
o director do «Portugal»
com o novo conselho de costas».*

*Música, fogueiras, muchas aux
fium-bras, luminárias pelas fachadas
e... procissão nas ruas, quere-
mos dizer, festa no Parque...*

—Curioso! Fantástico! Piramidal!

*E eis consumada a suprema aspi-
ração da independencia (na História
com o nome de revolução de
azar, como rezam os tais pre-
fatos de 1.10 e pico), eis conseguida
a desejada e nancipação e repêlida,
um facto, a mãe des'amada...*

—Simplesmente colossal!

*—Então, finalmente só, com o ren-
dimento das casas de recreio—oh
recreio que me deste um Monte Carlo,
traz uma pistola...—e com
a grandiosissima verba do turismo?*

*E o médico municipal, o zela-
dor, o empregado do Mata Louro, a ilu-
minação, os Esc: 7000\$00 de varri-
mento, o concerto da rua Elias Gar-
cia, a fal a Tagilile, os Bombelros,
a despesa viação, a água e varias
outras coisas, tudo, enfim, foi á
custa de vós, vos, vósco?!*

Que riquessa de palavrão!...

*Informam-nos que um grupo de
olmaranenses projecta crear um
Museu de Art.-Sacra, escolhendo
para sua instalação a antiga Igreja
de S.ª Clara.*

Sociedade M. Sarmento

Conferência de Ruy Chianca

*No dia 14 do corrente, a convite
da dignissima Direcção da Soci-
dade Martins Sarmento, o Ex.º
Snr. Ruy Chianca realisona uma con-
ferencia suborlinada ao tema—Re-
conquista de Portugal.*

*Por falta de espaço só no próxi-
mo número poderemos fazer uma
mais detalhada noticia da magni-
fica-hora que passamos no Salão
Nobre daquela benemerita insti-
tuição.*

NOS QUOQUE

Perfilada e com duas pedras na mão esventa-se «A Velha Guarda» em longo arrazoado, em que pretende justificar a violenta e injuriosa attitude que tomou em face da actual Comissão Administrativa, e que, afinal, não é mais do que nova manifestação de cegueira partidária. E como o arrazoado traz subscrito e nos apraz (?) vêr nêle carapuça a este semanário dirigida, mal nos iria se o deixássemos sem resposta. Nem o órgão do P. R. P. desta localidade tem por hábito defrontar-se com os inimigos do regime. Sendo assim...

Não levou a bem «A Velha Guarda» que saíssemos à estacada em defeza dos republicanos que estão na Câmara; e tanto se chocou, que se sai com a falsa insinuação de que nestas colunas consentimos que de gatunos fossem apodados alguns dos seus mais sacrificados correligionários. A isto iamos a chamar visão larga, se antes nos não parecesse que o actual órgão dos democráticos locais quer enveredar pelo caminho que há bons quatro anos tomou um outro órgão do mesmo partido e que via a luz ali nas Taipas.

Contudo, para que se não diga que fugimos a dar explicações em caso de tanta monta, convidamos o colega a dizer-nos, a nós e à plateia, onde e quando isso se viu. Estas questões, por melindrosas querem-se esmiuçadas e tratadas com severidade, o que decerto se não alcançará com girândolas de palanfrório ou explosões de cólera a iluminar farfalhices de estilo.

Até aqui o grave do caso. Vamos ao resto. Aquêlê estreito critério, o critério partidarista, sectarista em que «A Velha Guarda» teima em achar justificação plena para os ataques, fundados e infundados, que dirige a todos que não sejam democráticos, se nos não causam tristeza, far-nos-ia rir. Por este andar e se todos assim pensassem, os cães de canis vários chegariam a dar exemplos de cordura ao rei da criação. Pois, não é verdade?

Que defenda o seu partido, os interesses do seu partido, os loiros do seu partido, quem lhe nega êsse direito? Simplesmente se diz que do seu direito use sem se esquecer do direito dos outros. Só será bom, só será util o que sai do seu grémio e do seu republicanismo? Só será util o que nos vem do partido que «A Velha Guarda» representa? Ponham em foco o que de bom fizeram; ponham em plena luz todas as suas virtudes, todas as suas sãs acções, mas não calquem, não enlameiem o que nos outros há de virtuoso e são.

Para defender um partido é, porventura, necessário abocanhar, ridicularizar, afrontar os que a êsse partido não pertencem? Façam a critica, mas justa, mas imparcial. E' humano, é lógico, é sensato; e, se o não dissessem todas as vozes da intelligencia e da razão, que o dissesse, apenas, a voz do reconhecimento. Sim. Esta deveria dizê-lo. Pois, não é certo que os atingidos pelo órgão do P. R. P. são, muitos dêles, os que, ainda não há muito tempo, tomaram a defeza dêsse partido? Pois, não é certo que em «A Razão» e na Câmara estão creaturas que, sem pertencerem ao P. R. P., serviços lhe prestaram desinteressadamente? E o que é que os levava a isso. Não foi o acanhado critério dos homens de «A Velha Guarda».

E' «A Razão» um jornal republicano independente. Surgiu quando nesta terra nenhum partido, nem mesmo o democrático, saía a campo em defeza da Republica. Ferviam ódios e a campanha que os monárquicos moviam ao regime degenerava em delírio canalha de insolências e maldições. Que bandeira de partido se ergueu para chamar à luta os republicanos desavindos? Nenhuma.

Conspirava-se. Partidos e políticos viam rolar na lama emblemas e honra, tradições e probidade. Quem aceitou o combate? Não foi «A Velha Guarda», não foram os partidos, não foram republicanos! Fomos nós, êstes talassas, êstes intrusos, êstes incompetentes de «A Razão» e, agora, da Câmara, alguns.

Quem foi que se opôs, em vésperas de eleições, à campanha eleicoeira dos monárquicos e tomou a defeza da Câmara Democrática? Ainda nós, os de «A Razão», e agora, da Câmara, alguns.

E com que fito, e com que interesse? Digam os que falam de favores, os que colocam amizades pessoais, interesses de partido, acima da dedicação à Republica e dos interesses republicanos. Cartas na mesa, fraldas à vista. Quem é que deve?

Em face da situação política resultante do movimento militar de Maio último, não podiam as vereações partidárias continuar desempenhando o seu mandato. Foram dissolvidas. Justa ou injusta, a medida era irremediavel. Urgia evitar que nova afronta fôsse feita à Republica, isto é, que fossem monárquicos os nomeados. E depois de muitas demarches, e depois de muitas tentativas—o caso não foi tão rápido como afirma o órgão do P. R. P.—com sacrificio e até com contrariedade appareceu o que aí se vê. Pelo menos, dizia-se, é uma garantia para os republicanos. E' era, se êles se não fechassem dentro do estrambótico critério sectarista.

O que é que moveu essas creaturas a darem o seu consentimento? Pode cha-

(Continua na 2.ª página)

Crónicas Soltas BANALIDADES

VII

*Hoje, quinta-feira, eucontrel-te
vestida de negro, com um grande
ramo de flores amarelas... Mas para
o Cemitério!? Mas que fôste lá
fazer, tu, mulher-iníjima que ninguém
conhece, nem sabe o teu nome?
Ei Carpis saltadas por quem, ul-
gum dia, houvesse deslinhado im-
piedosamente com o grande desejo
de vê-lo vencido!?... e Venceste-o?
Não. Vencida ficaste tu, na terra,
para levares desta vida a cruz pe-
zada dos teus pecados e da tua
culpa sem perdão. As flores que
levavas, com um riso nos lábios
eram o retrato vivo do teu remorso
desesperado.*

VIII

*Mas quem és tu?... Uma mulher
que ri para todos... Enigma que o
coração e o cérebro não decifram,
porque continuas no mistério de não
te dares a conhecer. Uma mulher
que não deixa vêr a sua alma e co-
mo o sol doente que já não tem ca-
lor para animar os velhos e de-
trair as crianças. Os teus rizes?! São
frios; para ninguém tem affectos
nem carinhos.*

IX

*Chamaste Indiferença?! Ris de
tudo e por tudo... Que me import!
O suco da val para a morgue, porque
o seu corpo tem de ser esquarte-
jado—em nome da lei. Eu procuro
tambem autopsiar a tua alma por-
que ela é vitima daquelle eu que te
espreita e automatiza a tua vontade
e os movimentos. E's uma doente
que deves regressar á realidade
das coisas e da razão.*

X

*As tuas gargalhadas fazem-te
mal. São a linguagem desconhecida
que a tua boca linda solta á des-
garrada quando a luz viva do re-
lâmpago te faz estremecer ao en-
trar no teu quarto.*

*Banalidades que só uma vontade
forte seria capaz de fazê-los desa-
parecer.*

AFONSO FRANÇA.

QUADRAS

*«Amor picado é dobrado»,
Ouve-se às dnas por três.
Quanto homem se faz zangado
E lhe foge o amor de vez...*

*«O fazer mal é pecado;
O fazer bem é perdê-lo».
—Há muito desenganado
Que não quer' reconhecê-lo.*

*Conheço a mulher perdida
Como o prazer que é suposto;
E apesar da sua vida,
Sempre a beijo no seu rosto.*

*Quando ouço a chuva cantar
Ponho-me a cantar com ela,
Porque sei que faz zangar
Certa bonita donzela.*

Este numero foi visado :
pela Comissão de Censura

CONVERSANDO

UMA CARTA

LACADAS

RES, NON VERBA

Segundo Coelho Neto, «duas forças encontram-se nos organismos em início, no plasma informe, ou coágulo humano: a força do Bem e a força do Mal: o verme infusório ou micróbio, e a célula, ou fagocito, e trava-se, desde logo, a campanha, campanha que é a vida».

Mais: confirma-se que «cada homem é um microcosmo» e que a natureza ambiente com ele vive em constante luta, que somos invertebrados na superfície do planeta por carne verminosa que afecta a sua higiénia; que mentimos ao fazer prevalecer o sentir, quando tudo é matéria contaminada e a sua probabilidade de desinfectação; finalmente, que o garantir da saúde cede á morte, por vencedores ou derrotados.

Porém, imagina a existencia dum forte reacção e que a célula conquista a supremacia sobre o micróbio: a força do Bem dominando a força do Mal?!

Sempre na mesma. Fatalmente a célula morre por nenhuma condições de vida.

Partamos mesmo da hipótese que o Bem conforme filósofo Pintado, «é semelhante de Deus; admitamo-lo facto próprio do homem» como no-vo revelou Aristóteles: que razões a apraz-nos para a sua vitalidade?!

Pois, a concepção de Deus não se formou na célula? a Razão não teve origem na fagocite? e as duas não estão contaminadas do mesmo Mal que lhes proporcionará uma mais ou menos longa vida?

Apesar de tudo, experimentemos: esculpe-lhe esse corpo; toma-lhe uma pedrinha; olha-a através do microscópio; repara na sua contracção e na sua elasticidade...

E' um agregado de moléculas onde o micróbio janta, não é verdade? — Sim.

Agóra, se para ou desagrega esse conjunto e coloca uma fibra muscular na lâmina da platina; espreita de novo; repara na mobilidade que é a mesma; é uma reunião de células diferenciadas e com membrana...

Curioso! E os vermes lá continuam agarrados, saciando a sua fome...!

Sempre, como vais já ver. Olha: resga a membrana desta célula e verifica mais uma vez. Distingues perfeitamente o núcleo como deves contemplar o mesmo espectáculo verminoso.

Desinfecta-a e coloca-a no bom ar; puxa novamente do microscópio, pois já decorreu o tempo suficiente e diz-me o que em realidade contempilas!

—Pode-lá ser! Podridão e vermes! —E' verdade, meu caro. Podridão e vermes. E não precisaste do génio de Pasteur para o demonstrar ou para concordar com Coelho Neto e comigo...

...Considera-se presunção tudo o que de nós próprios se diga. Andamos no Mundo por erro no computo do Tempo. Epicuro, Hume, Mill, e Leibniz não são, indubitavelmente, os indicados para apagar ou diluir o Mal...

«O que deve ser» será naquela hora em que tenhamos por mortalha o elvo manto da neve com toda a sua frialdade.

...Divorcia-te dos filósofos e deixa-lhe a entrega a pureza. Hemos de «três mãos por origem, por construção e por índole. E a nossa maldade nada existe que se lhe oponha. Erramos porque somos forçados a errar, perpetuamos deslealdades porque somos desleais e com temos o crim. porque nos mandam praticá-lo. Nunca poderemos refrear «o que não deve ser» e jámais conseguiremos a libertação do Bem!...

Prazer ou interesse, objecto dum vontade ou mais alto grau de ser e de intelligibilidade, tudo ridículos pensamentos que tem por directriz o pensamento de Mallebranche—a ordem!...

—E' demasiado livre! Vamos ver aquela nuvem que se ergue além, na forma dum dedo gigantesco, encandando o Sul, e que abriu uma claridade no céu encovado e frio...

L. C.

Lêde e propagai

«A RAZÃO»

Isso é. Poucos anos mencionarão as folhinhas tão fertéis como este em catástrofes e ruínas. São furacões aqui, tremores além, vítimas por toda a parte. E, como estes cataclismos não bastassem para atormentar a pobre humanidade, a própria politica se nos mostra carrancuda, tenebrosa, de molde a não deixar esperanças de breve serenidade.

Com effeito, se em toda a parte a terra treme em funestas convulsões, também rara é a nesga de mundo civilizado onde se não luta e se morre em defeza de teorias políticas antagónicas.

A reacção contra a ditadura alastra e na Espanha e na Itália a força não tem mãos a medir na repressão de atentados e conspiratas, que se sucedem com tanta teimosia como as notícias de paz e tranquillidade que a imprensa diz reinar nesses países.

Nem passa de um sinal de paz o facto de a Itália reabilitar a força e a pena de morte — paz completa, paz eterna, para todos os que se atreverem a levantar os braços em defeza da Liberdade.

Elle ainda há quem por uma côdea vista a librê de lacaio, como há quem a trôco da própria vida a rasgue e calque aos pés. E' por isso que a convulsão politica a que assistimos se casa bem com as convulsões scismicas, que tantas vilimas teem feito.

Reina a paz... em Varsóvia. E para que ela reine, a policia francesa põe-se em campo e atulha as prisões de conspiradores espanhóis. Devem ser pistoleros, bandidos sem eira nem beira, sem outro fito que não seja o de aliviar a bolsa do seu semelhante.

O que admira é haver tantos em... Varsóvia.

Mussolini não quer, nem ao de leve, tocar nas fronteiras do domínio português. Curvem-se governo e diplomatas de Portugal ante as categoricas e gentis palavras do dono, digo, do duce italiano. Curvem-se e agradecem, mas não se esqueçam de que a Espanha diz a mesma coisa e, contudo, os seus barcos de pesca limpam os nossos mares, sem respeito algum pela nossa soberania.

Fia-te na Virgem e verás...

«Pai Paulino tem olho». Isto não quer dizer que seja só Paulino pai a ter olho. Todos teem olho. O que é, é que nem todos fazem bom uso dele.

E' o caso. O outro, que vos selências muito bem conhecem, embora tenha olho, não tem lume no dito. Pois, apesar disso, tão bem o emprega, que tudo lhe corre à maravilha.

Agora anda a tombo com a Câmara. Quer coisa de feição. Já tem lista feita. Só espera a maré e... é negócio concluído. Por ter bom olho, um olho como o do pai Paulino? Nada disso. Por dar com olhos de pior olho que o dele. Na terra dos cegos...

Não lhe toques, Madanela... Ao menos eram honestos e republicanos. Não tinham aquela intelligencia luminosa de certos super-homens, nem aquela agudeza de vistas dos seres olimpicos, apanço e condão dos caga-lun e que os feiticistas divinizarão. Não tinham; mas — que diabo! — a sua honestidade e a sua fé politica eram de respeitar. Não o entendem assim os que se julgam com a Republica no bolso, e vão de corré-los á pedrada, como se de danados se tratasse. E, depois?...

Depois, vamos a ver. E' de crer que se caem ao reconhecerem que, quanto mais lhe tocarem, pior é, ou que lhes quadra melhor uma serenata monárquica. E' de crer.

A chuva cai a potes. Tem sido uma invernia pegada, que com saudade nos faz lembrar os dias do demorado estio que acabou. Mas, nem todos andam aborrecidos com a chuva; os agricultores andam até radiantes. E' que a herva faz falta num país onde toma constante incremento a criação de alimárias.

Afinal, deu em droga o tal concelho de Vizela, terra de 20.000 habitantes e que contribui com 200 contos para os cofres de Guimarães. Parabens aos nossos batoteiros. Não os sabia com tanta sorte. Já é ganhar!...

O que aí vai em volta da revolução preparada para implantar a Republica Catalã! O que aí vai de miséria, de podridão, de banditismo! E' a traição abjecta e a corrupção vil, é tudo o que há de mais asqueroso e

ignobil, a estadear-se em ondas de lama nojenta e fétida.

A prepotência, não contente com oprimir, vai mais longe: arma ciladas para melhor esmagar os seus contrários. Fazer de Garibaldi um espião, um traidor! Em nome de que principio é que o diador proibiu as mulheres de andarem com as pernas à mostra? Quem mais immoral do que o que suborna? Como aquilo progride!...

E a isto chama um diário, dos grandes, defender-se. O fascismo defende-se! Tem graça.

O sr. Mussolini resolveu concentrar em zona aparte todos os que reneguem ou combatam as virtudes do fascismo.

Pelo visto, as prisões não chegam, ou... é verdade; talvez o insigne queira estabelecer um lazareto... para as ideias.

Ter razão, terá. Que elle é negavel que a má vontade contra o imperialismo vai já tomando aspectos de epidemia. Lazareto, pois, com os anti-fascistas!

E os cassapos? Dão-se alvifaras! Que iam ingressar (o aderir caiu em desuso); que iam formar partido com os... radicais; que iam dar vivas à Republica, etc., etc., e, afinal, nem rastos deles... Onde raio se meteriam? Pela certa só se sabe que nenhum se tornou republicano independente.

Lá fomos ver as obras do Largo Cónego José Maria Gomes. A descrição do colega «A Velha Guarda» deixou-nos a antever uma catástrofe. E lá fomos, ansiosos por concordarmos uma vez, ao menos, com os detractores da Câmara. Não vimos coisa para tocar a rebate, verdade se diga. Contudo, como não temos olhos de linca... Sempre será bom pedir a atenção dos membros para a noticia do nosso colega. Se é verdadeira, o fiscal que responda.

Ali, à preta.

—Pina, amigo; você quer fazer partido?

—?...

—Então, com quem se entende aquela insinuação de «A Velha»?

—Hom'essa!... Eu... não.

—Os outros também assim dizem. Vamos á verdade. Quem será? Um do lado: Fraga... Pina... Outro: E' dos livros. Nem há que ter ciumes.

P. P.

Do Ex.^o S^or. Director da Escola Industrial e Commercial de Francisco Holanda, desta cidade, recebemos a seguinte carta que publicamos:

...S^or. Director de «A Razão»:

Num artigo sob a epigrafe «Onde o Quartal?» publico em o ultimo num. ro do semanário que V... dignamente dirige, diz-se, entre coisas varias, que a Escola Industrial de Guimarães «justifica a lida mensal do Proposta de certo professor».

Quero convencer-me de que o autor do referido artigo não me dá a gratificação e, consequentemente, a responsabilidade de tal insinuação, fazendo-a provavelmente com intenção moralisadora mas, infelizmente, baseada em falsa informação. Assim, na minha qualidade de humil director daquella estabelecimento de ensino, e em abono da verdade, que muito prezio, venho solicitar de V... se ajude esclarecer os leitores de «A Razão» informando-os de que, SEM EXCEPCÃO, todos os s^osrs. professores da Escola Industrial e Commercial de Guimarães cumprem rigorosamente, com o maior zelo e proficiencia, os deveres dos seus cargos.

Não há, portanto, naquella Escola, nem houve nunca, professor algum nas condições expressas no alludido artigo. Agradeço de V... com toda a consideração, Guimarães, 16-XI-1926. (à) Abel Carilozo, Director da Escola Industrial e Commercial de Guimarães.

Os comentários a esta carta vão noutro lugar.

O Policia do Tomaz

Quem o haveria de dizer?! Depois de ter sido sacristão (sem ofensa para os profissionais de sacristia), após ter passado pelo jornalismo de Lisboa (!) como um astro fulgurante, mais brilhante do que uma estrela de Cinema, ei-lo que nos aparece distarçado em Policia...!

Distarçado, não. E' um Policia autentico, com cartão encimado pelo escudo nacional sem corôa, um Policia de verdade, mas um policia miserável.

Pelo facto de ser Policia? Não; porque é monárquico, porque dizendo servir esta situação, atraiçoa-a em prol da sua santa causa que é a causa da «E'poca» onde é um dos mais categorisados redactores.

Policia e espião! Acautelem-se os republicanos da minha terra; todas as cautelas com lacraus desta natureza são poucas...

Olhem que é um lacrau azul e branco com umas serapintadelas verdes e encarnadas.

E' um dos inúmeros agentes misteriosos e parecendo inofensivos, ao serviço da Traição que se desenha bem nitida e da qual os republicanos não podem ter dúvidas.

Policia, espião, e traidor.

Ele só? Não. Há-os para aí que não são menos perigosos e aos quais, em breve, ajustaremos contas. Depois, não valem chôros, ouvirem?

Acautelai-vos, desconfiai, os espiões e traidores pupulam por aí!

Considerações inofensivas

Ha confissões que, embora tardias e inconscientes, surgem tam oportunamente, aparecem em momento tam próprio, que dir-se-hia terem esperado por essa flagrante oportunidade para as lançarem a público.

Uma dessas confissões, de evidente actualidade, é a que a seguir e com a devida vénia transcrevemos de «A Velha Guarda», de 23 de Outubro p. p.:

«Onde fica Guimarães? E' vulgar ouvir-se esta pergunta aos grandes salvadores deste país. Guimarães é para eles, como para tantos outros, terra sertaneja de que lhes ficou uma vaga ideia por na escola lhes terem dito que nasceu aqui um rei que se chamou Afonso Henriques»

Ao findarmos a leitura do precioso naco de prosa que aí fica, tomou-nos a desconfiança, fomos assaltados pela dúvida, julgamo-nos ludibrio dos sentidos, vítimas da nossa má compreensão, duvidamos, numa palavra, daquilo que os nossos olhos liam.

Na verdade o caso não era para menos.

Quem fazia essa desasombrada confissão, quem de modo tam claro, tam espontâneo e tam sincero nos dava aquela pequenina amostra da mentalidade dos grandes salvadores deste país?

Era «A Velha Guarda»...

Mas esse jornal é... novamente a dúvida nos empolga, ansiosamente procuramos o exemplar do jornal que o acaso nos trouxera ás mãos, e então, a dúvida desfaz-se, desaparecem as hesitações.

Sim, «A Velha Guarda» é, lá está no seu cabeçalho, é o «Órgão local do Partido Republicano Português».

Desfez-se a duvida, é certo, mas o assombro não era menor.

Era, pois, o órgão local do partido que quasi enlucidamente nos tem governado, do partido que, em quasi dezasseis anos de sobado politico, a tudo tem recorrido, de tudo tem lançado mão para garantir o seu mando desordenado e vexatório, para satisfação única das suas clientelas, era, pois, o órgão local do P. R. P., repetimos, que lançava a público a confissão da assombrosa ignorância dos representantes máximos desse partido, os grandes salvadores deste país.

E é por tal partido, é por tais homens, que Portugal tem sido governado, melhor desgovernado, com uma in-

consciencia que a pavora com uma ignorância que assombra.

E' por causa de tam grandes salvadores que o país se tem convulsionado em inúmeras revolvas que tam caras nos ficam, mais nos parecendo ás vezes matadouro sangrento em dia de matança grande, do que nação que se presa, conscia do seu destino.

E' por causa de tam altas mentalidades, a garra das qual escaracho nocivo à pia orçamental, que neste baralhar de situações em que tantas vezes se joga com cartas marcadas, se ouve por vezes um ruído mais forte, um tinir metálico e... trunfo é espadas.

Mas, não nos desviemos do assunto que nos levou a escrever estas considerações e voltemos à «A Velha Guarda».

Continuamos, pois.

O órgão local do P. R. P. não se limita a fazer-nos essa revelação; vai mais longe, permite-se aconselhar as comissões que teem ido a Lisboa, indicando-lhes como, em seu entender, devem revelar aos governantes a existência deste povo.

Que essas comissões aceitem ou não o *anistoso* conselho, pouco nos importa, se bem que ele seja perfeitamente dispensavel pois de novo nada nos diz.

O que não podemos é deixar de fazer umas perguntas — bem innocentes, afinal — ao conselheiro colega que certamente vai responder de modo a confundir a nossa ignorância.

Que fez «A Velha Guarda» e os da grei para tornar conhecida, respeitada e admirada a Terra que os magnates do seu partido conheciam unicamente por lhes terem dito na escola que aqui nascera um rei chamado Afonso Henriques?

Que fizeram os senhores em pról de Guimarães após tantas e tam repetidas eleições em que tam grande era o amor pela terra, tamanho o medo de que o seu município e representação parlamentar caísse em mãos de filho menos solícito ou menos orgulhoso das suas tradições, que, desde as descargas feitas nos cadernos, ao outro dia do *liberrimo* acto eleitoral, até ao *debout les morts*, tudo lhes servia para garantir a continuação do enorme sacrificio que faziam de pessoas e bens com mira única nos interesses do Concelho?

Não, colega, não seja tão modesto...

Vá, confesse quanto trabalhou, que mar e céu revelou para que no Terreiro do Paço não se perguntasse mais: onde fica Guimarães?

Diga-nos os esforços ingentes, os hercúleos trabalhos de quasi 16 anos que, se melhor resultado não deram é porque — ai de nós! — tam crassa e tam vasta era a ignorância dos grandes salvadores deste país, por fatalidade seus correligionários de sempre, que o levaram, conselheiro colega, e, num momento de supremo desalento, venho a utilidade dos seus porfiosos esforços, vir a público, num estendal de misérias caseiras, assoalhar a pouca vontade de se instruir a enciclopédica estupidez dos representantes máximos do seu tam querido P. R. P..

Mas se é belo o exemplo de modéstia que a «Velha Guarda» nos dá, deixando ficar no esquecimento tam assinalados serviços, de que exigências se mostra capaz quando exige quasi imperativamente das Comissões que a Lisboa teem ido, que façam em meia dúzia de dias aquilo que os seus correligionários não fizeram em quasi três meias dúzias de anos!...

Não, «Velha Guarda», se mais comedida nas tuas exigências.

Dá tempo ao tempo, e então, daqui a 16 anos, quando nas altas esferas governamentais se continue a perguntar: — onde fica Guimarães? —, então, quando a obra dos intrusos tenha produzido o mesmo luminoso resultado que a tua, então e só então caríssima «Velha Guarda», num gesto de camaradagem que todos apreciaremos, faz uma reverencia senhoril, estende amigavelmente as mãos e murmura sorrindo, porque a mais não tens direito: *Ar-cades ambo*.

F. R.

: Respondendo a : UMA CARTA

O Ex.^{mo} Snr. Director da Escola Industrial e Commercial de «Francisco Holanda» enviou ao Director deste jornal uma carta, pretendendo refutar as *afirmações* (não *insinuações*) que num artigo sob a epigrafe «Onde o Quartel?», foram publicadas neste jornal.

Repetimos: há um professor que durante um ano lectivo só foi à Escola DUAS VEZES.

Incompatibilidade de logares? foi esse professor substituído? e com vantagem?

Responda-nos o Snr. Director.

Não temos por norma fazer insinuações, afirmamos.

E do que afirmamos, tomamos inteira e completa responsabilidade.

O Ex.^{mo} Snr. Director da Escola Industrial de Guimarães, que nós reputamos uma competencia técnica, não reparou que não negamos competencia «teórica» a parte do corpo docente, *negamos-lhe* competencia técnica.

E deixe-me V. Ex.^a dizer-lhe, Snr. Director, a proficiencia prova-se, não se diz.

Estaremos de acôrdo?

Não retiro nem uma linha do que escrevi, e sobre a maneira pouco prática e pouco produtora do Ensino na Escola Industrial de Guimarães, voltaremos a falar.

A culpa? Da politica que não é madrastra para certos afilhados e madrastra é para interesses gerais.

A. G.

PELO TEATRO

COMPANHIA Cremilda d'Oliveira

Com a representação do *Wau-denville* em 3 actos e 4 quadros «O Bombom», foram inauguradas as rçitas de assinatura pela Companhia Cremilda de Oliveira, no dia 15 em o Teatro D. Afonso Henriques, desta cidade.

O «Bombom» é uma peça de actualidade e que marca pela verdade que encerra. Há um funcionário público gosando socegradamente as férias no campo, em companhia da mulher e 2 filhos, senão quando lhe aparece um *chauffeur* a pedir o favor dum empréstimo dum utensilio qualquer, a fim de poder concertar uma «pane» occorrida em o carro que guiava. Prestam-lhe auxilio e, como fossem poucas as probabilidades do completo concerto, os passageiros desse automovel são convidados a recolher-se à casa do funcionário — tão perito se encontrava a noite...

Aceitam e denotando poucos aposentos e enquanto uns se recolhem de novo ao carro, uma *passageira* resolve ficar a descançar a noite numa cadeira. Irrequieta, alegre e dum liberdade invulgar, em poucos minutos consegue a admiração do funcionário e do filho deste. E durante a noite, era vè-los à disputa de tão galante e rica mulher — apresentada como irmã do Rei de Chocolate (Bombom) — não sem que tivessem de aguentar com insucessos pouco agradaveis.

E' chegada a vez ao filho do funcionário e, inconsciente do seu acto, deixa-se arrastar pela beleza e gracilidade de Albertina, roubando seu próprio pai e fugindo a deshoras para Lisboa...

Um ciclista, funcionário tambem e apaixonado da filha de seu chefe, surge em plena manhã para visitar a sua namorada. Como encontre toda a gente recolhida, cansado, resolve descançar da estroinice da véspera...

E' despertado por um beijo de seu chefe que julga fazê-lo com a Albertina. Por aquêlê revelado o encontro havido na estrada, é notificado o «Bombom» da fuga de sua irmã que pouco cuidado parece merecer-lhe; — preocupa-o mais a bela ingenuidade da filha do funcio-

nário — «Eugénia» — e trata de formar o vácuo em torno do ciclista «Pelides».

Há um telegrama que chega comunicando a vinda ali dum Director Geral, os preparativos de recepção, o convite a «Pelides» para fazer umas compras necessárias, o abrir do cofre para fornecimento do dinheiro e a confirmação dum roubo...

«Bombom» oferece-se para suavisar o desespero de toda aquela gente alvorçada, «Pelides» marcha a fazer as compras e toma-se a última resolução de partirem em peregrinação deste e do filho desnaturalado.

Chegados a Lisboa, «Bombom» resolve amansar o funcionário e a obrigá-lo a receber de novo o filho, ao mesmo tempo que prepara a «Pelides» um *estratagem* que o conduz à inatividade do seu cargo e à sua própria demissão.

A fim de fazer a felicidade daquela familia, e muito especialmente de «Eugénia», ele consegue a promoção do velho, um emprego para «Fernando» e a «Pelides» tenta reconduzi-lo a uma vida de trabalho para ser digno de «Eugénia», propondo-lhe negócios vantajosos.

Porém, «Albertina» tendo conhecimento do que se passava, mulher mundana que havia ligado o seu coração ao de «Pelides», surge, qual fera chiboteada, ao tablado da vida sem mescla e reclama o amor de «Pelides» — ela que por ele havia passado fome, havia sofrido privações e desgostos!

— Não, porque é meu...

E «Bombom» vê satisfeitos os seus desejos e consegue o amor de «Eugénia» como sua aspiração máxima...

— Cremilda d'Oliveira no papel de «Albertina» agradou plenamente. Teve vivacidade e revelou muito talento. No final do 3.^o acto, ao cantar o «essa mulher o que fez!» foi formidável. A plateia premeou bem a sua arte.

Sales Ribeiro no «Bombom» deu-nos bem o tipo e cantou a primôr os «caprichos do coração».

Adolfo Sampaio no funcionário «Fulgencio Carvalheira» foi um centro consciencioso e impagavel.

Maria Pinto, Carlos Sampaio e Jorge Gentil, muito completos.

No próximo número, faremos a crítica ao «Clô-Clô», «Mosca de Milão» e à revista do espectáculo extraordinário.

«Labor da Grei»

Recebemos os fascículos N.^{os} 5 e 6 desta bem dirigida publicação e, bom será dizê-lo, cada vez mais se eleva o seu editor e nosso amigo, snr. Francisco Martins.

E' bem «o livro Bendito da Lihagem Vimaranesse». Traz artigos de Francisco Martins, João de Meira, J. A. Pires de Lima, um desenho de Luis de Pina e belas fotografias do Machado da Fotografia Moderna.

O próximo fascículo será a continuação de «O Concelho de Guimarães».

Muitos parabens.

Assinai

«A RAZÃO»

OFICINA DE SERRALHARIA
 (ANTIGA SERRALHARIA DE LUÍS DE PINA)
P. & MAIA, LIMITADA
 Rua de Paio Galvão -- GUIMARÃES
 Executam-se todos os trabalhos de serralharia e de torno
 e concertam-se todas as peças para automoveis

= GRAND-CHIC =
 DE
FRANCISCO LEITE MENDES
 Artigos de Modas, Fazendas Brancas e Miudezas
 43, Rua da Republica, 47 -- GUIMARÃES
 Esta casa vende todos os artigos com grandes abatimentos

A. J. Ferreira da Cunha
 Praça D. Afonso Henriques (Tourol)
 Vendas por Junto e a Retalho
 GUIMARÃES

Fábrica de Tecidos da Madrôa
 Fabrício de Colchas e Tinturaria a Vapor
Freitas, Pereira & C., L. da
 Fábrica — Rua da Liberdade
 Escritório e Depósito — P. D. Afonso Henriques
 GUIMARÃES

Gonçalves & Castro, L. da
 Especialidade de Afoalhados e Linhos
 Largo Prior do Cráto, 6, 7 e 8
 GUIMARÃES

FARMÁCIA NORMAL DE GUIMARÃES
 DE
Manuel Jesus de Souza
 Praça D. Afonso Henriques
 — GUIMARÃES —

Como se evita um incêndio?

GRITANDO FOGO!!!?

... *Exclamação de terror que abala os mais corajosos e nada evita.*

ABRINDO UMA JANELA!!!?

implorando auxilio e aguardando cheios de aflição e terror que no-lo tragam?

... *Minutos que parecem séculos durante os quais nos sufoca o mais artoz sofrimento.*

FUGINDO LOUCOS DE PAVOR!!!?

deixando que o fogo destrua os nossos haveres, a nossa casa e nos roube, por vezes, os filhos e outros entes queridos?

... *Desesperada resolução que nos mata de ansiedade e de dor...*

NÃO...

Um incêndio evita-se com extrema facilidade, extinguindo-o rapidamente, apenas éle se declara. E para isso, TENHAM EM CASA

BONS EXTINTORES DE INCÊNDIO

como o **FYROUT** em cobre polido e de Esc.: 400\$00;

o mesmo em aço esmaltado e de Esc. 350\$00 ou ainda **FOAMERA** de Esc. 350\$00

e para automoveis o

VALORCTC

de Esc.: 230\$00

Representante único em Portugal:

NUNO SALGUEIRO — PORTO

Representante único em Guimarães:

BENJAMIM DE VASBONCELOS — R. da Liberdade

Antiga Merceria da Porta da Vila
Pereira & Silva, Lim. da
 Especialidade em chá e café
 24, R. da Republica, 28 — GUIMARÃES

Francisco Joaquim de Freitas & Genro
 Depósito de Tabacos e Fósforos, Papelaria, Miudezas e correspondentes de várias casas bancárias.
 — GUIMARÃES —

FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO, Suc.
 Rua da Republica — GUIMARÃES
 Depósito da Polvora do Estado
 Vidraria, cristais e louças. Tintas, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.
 Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatório.
 Preços sem competência

Fábrica de Tecidos de Santa Luzia
Custódio Vila Nova & C.ª
 Fabrício de Colchas e Atoalhados
 Rua de Paio Galvão — GUIMARÃES

HOTEL CENTRAL
 (VULGO DA FELISMINA)
THEODORO DA SILVA E CASTRO
 Fabrício especial de Pão de Ló e Bôças Finos
 :: Pão de Milho de Superior Qualidade ::
 PRAÇA DA REPUBLICA -- FAFE

"A RAZÃO"
 SEMANÁRIO REPUBLICANO
 Ex.^{mo} Snr.